

## O sujeito e a socioconstrução da linguagem

*The subject and the  
socioconstruction of  
language*

Francisco Renato LIMA (UFPI)  
*fcorenatolima@hotmail.com*

Maria Angélica Freire de CARVALHO (UNICAMP)  
*angelifreire@oi.com.br*

LIMA, Francisco Renato; CARVALHO, Maria Angélica Freire de. O sujeito e a socioconstrução da linguagem. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 6, n. 2, p. 199-212, jul./dez. 2016.

**Resumo:** Apresenta-se, neste texto, a partir de Bakhtin (2009 [1929] / 2011 [1979] / 2013 [1929]) e Vygotsky (2001 [1934] / 2008 [1934]), uma discussão sobre sujeito e linguagem, apontando para as relações intersubjetivas e dialógicas que permeiam a tessitura das interações sociais. Esses dois epistemólogos apresentam especificidades teóricas, que se delineiam e se encontram dialogicamente, ao conceberem o homem como um ser crítico e social, que age no mundo, com e por meio da linguagem. Na realização dessas ações, os sujeitos constroem uma consciência, fundada na internalização do signo, que se refracta nos contextos de usos e nas produções de sentido, que fundam e ampliam os sentidos da língua. Para a elucidação desses fundamentos, recorre-se às leituras de Bronckart (2006/2008/2012), Cardoso (2000), Fiorin (2006), Freitas (2005), Rojo (2010), que, ao balizarem suas escritas nos fundamentos desses dois teóricos, entrecruzam olhares sobre a natureza sociointeracional e socio-histórica que caracteriza a ação languageira do homem no mundo, apontando, portanto, para o papel do sujeito e a socioconstrução da linguagem.

**Palavras-chave:** Sujeito. Linguagem. Socioconstrução. Diálogo. Interação.

**Abstract:** It comes in this work, based on Bakhtin (2009 [1929] / 2011 [1979] / 2013 [1929]) and Vygotsky (2001 [1934] / 2008 [1934]), one discussion about the subject and language, showing to intersubjective and dialogical on the social interactions. These two epistemologists show theoretical specificities, that intersecting in the dialogical forms, when designing the man as a critical and social, that acts in the world, and through language. In carrying out these actions, the subjects build an awareness, based on the internalization of the sign, which is refracted in the uses of contexts and in the sense of production, which merge and expand the language of the senses. For to explain these actions, we based on Bronckart (2006/2008/2012), Cardoso (2000), Fiorin (2006), Freitas (2005), Rojo (2010), that when guide his writings on the fundamentals of these two theoreticians, they have the same views about the: sociable interaction, sociable historical that featuring the shapes of the tongue action of man in the world, therefore point to the role of the subject and sociable construction of the language.

**Keywords:** Bloke. Language. Sociable construction. Dialogue. Interaction.

## Introdução

[...] embora buscando objetivos diferentes – Bakhtin, a construção de uma concepção histórica e social da linguagem e Vigotski, a formulação de uma psicologia historicamente fundamentada –, muitos são os pontos de encontro entre suas ideias. [...] consideram que a consciência é engendrada no social, a partir das relações que os homens estabelecem entre si por meio de uma atividade sócio-histórica, portanto pela mediação da linguagem. (FREITAS, 2005, p. 298-303) (Grifos do autor)

Para evidenciar o lugar do sujeito no processo de construção de si mesmo mediado pela linguagem, é preciso, antes, compreender que essa é uma prática interativa estabelecida entre sujeitos pensantes, que, ao comunicarem-se, buscam colaborativamente construir os significados no mundo. Nesta instância, a relação entre linguagem e pensamento é determinante para que este sujeito construa uma concepção de mundo, elaborada discursivamente pelos fatos sócio-históricos e ideológicos dos quais faz parte; pois “entre a língua e o mundo aparece o “pensamento” como elo intermediário” (ROJO, 2010, p. 35), e desse modo, o sujeito toma consciência de si e do outro, por meio de discursos que se enveredem pelo individual e o social, situando seu lugar social no mundo.

A noção de linguagem empreendida nesse estudo baseia-se, principalmente nas perspectivas teóricas de Bakhtin (2009 [1929] / 2011 [1979]) e Vygotsky (2008 [1934]), os quais concebem a linguagem e o pensamento como elementos centrais para que o homem se construa como sujeito, produzindo significados, crie e recrie o mundo pela linguagem. Conforme essa percepção, os sujeitos enunciadore, a partir

de suas interações, produzem e atribuem sentidos que são oriundos da articulação entre a materialidade do discurso e os saberes socialmente produzidos nas experiências culturais de cada um em seus contextos reais de produção de conhecimentos, de modo que, assim, acontece a socioconstrução da linguagem.

Partindo desse entendimento, a perspectiva de língua que funda esta ideia também parte de Bakhtin (2011 [1979], p. 261) quem defende que usar a língua não é empregar palavras ou orações, e sim estabelecer diálogos, “enunciados”, os quais “refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo” da atividade humana, situados em contextos concretos e historicamente construídos, e desse modo, “cada campo de utilização da língua elabora seus tipos *relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*” (p. 262), os quais se apresentam por meio de textos, entendido como um ato comunicativo e cuja construção e compreensão pressupõe uma “reação-resposta ativa responsiva” (2009 [1929]) entre os interlocutores.

É essa ação conjunta, construída responsivamente por meio do diálogo, que possibilita o estabelecimento de uma noção de sujeito e a sua socioconstrução por meio da linguagem, conforme se discute a seguir, a partir dos baldrames epistemológicos de Bakhtin e Vygotsky.

### **O sujeito e a socioconstrução da linguagem em Bakhtin e Vygotsky**

Bakhtin (2009 [1929]) propõe uma filosofia da linguagem, na qual o homem é considerado em sua essência, um ser ativo e operante no meio em que se situa. A linguagem neste espaço seria então a mais próxima e legítima possibilidade de interação entre ele e o mundo, conforme as condições sócio-históricas que o influenciam e sobre a qual, ele também exerce influência. Daí, a emergência do reconhecimento das relações de plurivocalidade dos sujeitos do discurso, a dialética e a alteridade nas relações humanas, legitimando o fato de que a língua é viva e mantém-se assim, pelas interações que se estabelecem discursivamente.

Nas ações com e sobre a linguagem, os interlocutores utilizam-se das múltiplas formas de expressão possibilitadas pela língua, considerando a mobilidade dos significados das palavras e os ajustes, intencionais ou não, que constroem os sentidos do discurso, de modo único e irrepitível, em situações discursivas determinadas, principalmente, pelas circunstâncias sociais e culturais do contexto de produção, de modo que há aí uma inevitável interação entre sujeito

e mundo. Nesse entremeio interlocutivo, as formas de “dizer”, que singularizam o sujeito na enunciação, organiza-se através da palavra, que “enquanto signo ideológico [...] penetra literalmente em todas as relações entre indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político, etc.”, uma vez que elas “são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais, em todos os domínios” (BAKHTIN, 2009 [1929], p. 42).

Sendo assim, as palavras funcionam como fio condutor de encadeamentos discursivos que transplantam a materialidade do código linguístico e imputam no discurso uma carga conceitual, valorativa e ideológica, e por isso, pode-se dizer que elas abrem veredas para o diálogo e a “ativa compreensão responsiva” (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 279), uma vez que os interlocutores saem de lugares estanques e direcionam-se a processos de simbolização e apresentação de ideias de modo a singularizarem-se nos discursos e constroem pontes de significação entre si, a partir da natureza eminentemente interativa e dialógica da linguagem.

O aspecto da dialogicidade recobre uma gama indefinida de fenômenos possíveis, com os quais os sujeitos interagem socialmente em contextos e situações distintas. Nessas interações, eles têm a possibilidade de extrapolar suas experiências, por meio de aspectos que mesclam o caráter subjetivo e objetivo da linguagem, realizando, assim, ações e propósitos específicos de dizer o mundo, a partir da forma como o percebem e se relacionam com ele, considerando-se, nessa relação, a influência dos elementos sociais, sócio-históricos e culturais que se fazem presente no cotidiano e que se manifestam nos atos de linguagem de cada sujeito ao enunciar.

Ao enunciar, os participantes do discurso operam diferentes mecanismos que representam suas expressões sociais e culturais e significados, atribuindo sentido às coisas e ao mundo no qual se inserem. Através dessas ações, a linguagem possibilita mediações discursivas entre sujeitos e objetos do discurso. Há de se considerar, nesse processo, as questões sociais e ideológicas de cada sujeito individual, as quais implicarão na organização desse discurso e de seus argumentos, pois a forma como cada um elabora seus modos de dizer no mundo parte de uma ação reguladora e intencional na linguagem, centrada no linguístico e no extralinguístico.

Esses propósitos funcionam como intenções particulares

estabelecidas pelos sujeitos no discurso, explicitados conforme as ideologias e o meio social no qual se situam, permitindo que eles se construam, a partir da natureza sócio-histórica, ideológica e dialógica da linguagem, a qual, segundo Bakhtin (2011 [1979]), da relação entre os sujeitos do discurso, é que possibilitará o sentido do texto e a significação das palavras, entendendo-se o texto como prática social discursiva que pressupõe uma relação de interação entre autor, que tem um projeto de dizer; e um leitor, que a partir de redes inferenciais, e outras estratégias de compreensão leitora, estabelece uma interação discursiva que o singulariza no mundo.

Dessa forma, a linguagem representa *lócus* de mediação entre os sujeitos, que realizam ações languageiras específicas e sócio-historicamente construídas, a partir de um plano arquitetônico de seus atos de fala que os situam como os protagonistas dos construtos linguísticos dos quais participam socialmente. A enunciação, nesse contexto, define-se como fundamento teórico-epistemológico, contemplando as situações interacionais de falas entre os sujeitos, de modo que ela se dá no plano de ‘enunciações’, ou seja, no reconhecimento do outro, como elemento necessário para a construção do sujeito, considerando que “[...] eu tomo consciência de mim através dos outros: deles eu recebo as palavras, as formas e a tonalidade para a formação da primeira noção de mim mesmo” (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 373), pois “como sujeito, jamais coincido comigo mesmo: eu sou o sujeito do ato de autoconsciência, vou além dos limites do conteúdo desse ato [...]” (p. 100).

Sobre essa perspectiva de estudos da linguagem desenvolvida por Bakhtin, Rojo (2010, p. 40-41) pontua que o autor:

[...] desenvolve uma visão do funcionamento da linguagem, onde, dentro de determinada situação sócio-histórica de produção, os interlocutores interagem enunciando discursos constituídos por um ecoar de vozes alheias ou anônimas. Todo discurso é citação, é já dito. E é assim que a língua cristaliza-se historicamente. [...] Assim, não há “comunicação de representações” dadas, mas (re) reconstrução, a cada discurso, de interpretações de mundo, historicamente situadas, que são únicas pelo processo interpretante de réplica ativa, mas que estão em permanente diálogo com os muitos já-ditos.

Esse propósito reconhecido pela autora firma-se, principalmente, pela compreensão de Bakhtin acerca da linguagem como possibilidade de interação e singularização do sujeito no ato enunciativo, em perspectiva dialógica, visto que a interação verbal não se dá em um plano vertical de

concepção de linguagem, centrada em um emissor que fala, um receptor que escuta e um código fechado, pronto e acabado; mas essa ação se dá pela alternância dos sujeitos nos discurso, considerando-se o contexto que o circunda.

Segundo Fiorin (2006, p. 55), em leitura bakhtiniana, “o sujeito vai constituindo-se discursivamente, apreendendo as vozes sociais que constituem a realidade em que está imerso, e, ao mesmo tempo, suas inter-relações dialógicas”, de forma que se pode dizer que ele “é constitutivamente dialógico, não é completamente assujeitado, é integralmente social e integralmente singular”.

Também, é relevante para a compreensão dessa relação entre o sujeito e a socioconstrução da linguagem, a perspectiva da abordagem histórico-cultural proposta por Vygotsky (2008 [1934]), e desenvolvida por seus seguidores, principalmente, Bronckart (2012), dos quais, busca-se, em diálogo com Bakhtin, fundamentar a ideia de um sujeito sócio-historicamente construído por meio das relações sociais mediadas pela linguagem.

Vygotsky (2008 [1934]) considera a linguagem como resultado de uma criação viva, que acontece em momentos históricos, determinados, muitas vezes, pelas relações estabelecidas entre os sujeitos da interação comunicativa, os quais elaboram suas operações mentais com a linguagem, por meio da combinação entre diferentes experiências de sua realidade sócio-histórica. Para ele, a relação entre os sujeitos se dá mediante uma arquitetura do pensamento que possibilita a construção de si mesmos e da realidade que os circunda. Por isso, é possível falar em socioconstrução da linguagem.

Dessa maneira, Vygotsky (2008 [1934]) desenvolve a teoria sociointeracionista ou sócio-histórica; ou sócio-cultural, como também é chamada, uma vez que aproxima no âmbito teórico-conceitual aquilo que o sujeito vivencia em suas práticas sociais, durante todo o seu processo de desenvolvimento, tendo em vista que ele não é apenas ativo, mas interativo, uma vez que forma conhecimentos e se constitui a partir de relações intra e interpessoais, estabilizadas através de trocas com outros sujeitos e consigo mesmo, e, durante esse processo, vai internalizando conhecimentos, papéis e funções sociais, os quais possibilitam a formação de conhecimentos e da própria consciência individual e social.

Nessa linha de pensamento, as relações de ordem cultural e social das quais os sujeitos participam possibilitam que eles se construam,

mutuamente, por meio da relação entre o pensamento e a linguagem, estabelecendo rede de interações diversas, que apresentam, produzem e atribuem sentidos às suas experiências de vida, articulando tanto as estruturas de circulação social coletivas, como os saberes advindos das experiências culturais individuais. Tem-se, assim, o enfoque em um sujeito sociocultural, situado em contextos específicos, nos quais ele se coloca como figura ativa em seu processo de desenvolvimento, ultrapassando a noção individual e isolada de agir com e sobre o mundo, e assume o papel de construtor e reconstrutor de conhecimentos sobre si e sobre os outros, a partir da troca de palavras e da articulação entre vozes múltiplas no discurso, que legitimam as relações de interação mediadas pelo pensamento e pela linguagem.

Ao considerar essa relação entre pensamento e linguagem, ele diz que esta “não é um simples reflexo especular da estrutura do pensamento” (VYGOTSKY, 2001 [1934], p. 412), uma vez que “o pensamento não se exprime na palavra, mas nela se realiza” (p. 409), posto que “a palavra consciente é o microcosmo da consciência humana” (p. 486), e assim:

Encontramos no significado da palavra essa unidade que reflete de forma mais simples a unidade do pensamento e da linguagem. [...] Não podemos dizer que ele seja um fenômeno da linguagem ou um fenômeno do pensamento. A palavra desprovida de significado não é palavra, é um som vazio. Logo, o significado é um traço constitutivo indispensável da palavra. [...] Deste modo, parece que temos todo o fundamento para considerá-la como um fenômeno do discurso. [...] Do ponto de vista psicológico o significado da palavra não é senão uma generalização ou conceito. Generalização e significado da palavra são sinônimos. [...] Conseqüentemente, estamos autorizados a considerar o significado da palavra como um fenômeno do pensamento.

Dada a importância entre pensamento e linguagem tratada por Vygotsky, nos estudos que desenvolveu sobre o sujeito e seu processo de desenvolvimento humano, torna-se pertinente apresentar as relações por ele traçadas entre estes dois aspectos fundamentais, para se pensar essa questão do sujeito e a socioconstrução da linguagem.

O pensamento, ao contrário da fala, não consiste em unidades separadas. Quando desejo comunicar o pensamento de que hoje vi um menino descalço, de camisa azul, correndo rua abaixo, não vejo cada aspecto isoladamente: o menino, a camisa, a cor azul, a sua corrida, a ausência de sapatos. Concebo tudo isso em um só pensamento, mas expresso-o em palavras separadas. Um interlocutor em geral leva vários minutos para

manifestar um pensamento. Em sua mente o pensamento está presente em sua totalidade e num só momento, mas na fala tem que ser desenvolvido em uma sequência. Um pensamento pode ser comparado a uma nuvem descarregando uma chuva de palavras. Exatamente porque um pensamento não tem um equivalente em palavras, a transição do pensamento para a palavra passa pelo significado (VYGOTSKY, 2008 [1934], p. 186)

Nessa mesma interlocução teórica, acerca da palavra como elemento que media e formaliza a evidente relação entre pensamento e linguagem, Vygostky (2008 [1934], p. 151-150) ainda acrescenta que:

O significado das palavras é um fenômeno de pensamento apenas na medida em que o pensamento ganha corpo por meio da fala, e só é um fenômeno da fala na medida em que esta é ligada ao pensamento, sendo iluminada por ele. É um fenômeno do pensamento verbal, ou da fala significativa – uma união da palavra e do pensamento. [Assim] O significado de uma palavra representa um amálgama tão estreito do pensamento e da linguagem, que fica difícil dizer quando se trata de um fenômeno da fala ou de um fenômeno do pensamento. Uma palavra sem significado é um som vazio; o significado, portanto, é um critério da “palavra”, seu componente indispensável.

Assim, a construção de sentidos acontece a partir das interações entre os sujeitos enunciadore, ao se envolverem em atividades diversas de comunicação, considerando seus aspectos verbais e extra-verbais, os quais possibilitam falar em uma significação, existente na interação comunicativa, que, segundo Bakhtin (2009 [1929], p. 137), em diálogo com Vygostky (2008 [1934] /2001 [1934] /2008 [1934]), aponta que:

A significação não está na palavra nem na alma do falante, assim como não está na alma do interlocutor. Ela é o efeito da *interação do locutor e do receptor produzido através do material de um determinado complexo sonoro*. É como uma faísca elétrica que só se produz quando há contato de dois pólos opostos (BAKHTIN, 2009 [1929], p. 137). (Grifos do autor)

Rojo (2010, p. 41), ao tecer reflexões sobre linguagem, tendo como elemento articulador o pensamento dos dois epistemólogos, considera que,

Tanto para Vygotsky quanto para Bakhtin, o pensamento propriamente humano (o pensamento verbal/discurso interno) não pode ser visto como representação do mundo, mas como linguagem ou discurso interno, réplica ativa, dialogismo apropriado e, logo, interpretação. Por outro lado, não há propriamente “comunicação” de mensagens que expressam representações, mas o pensamento se realiza (tem existência) na e pela linguagem (interior ou externalizada) e o que há é um eterno diálogo do humano com outro humano ou consigo mesmo.



A reflexão proposta pelos teóricos possibilita que se pense, portanto, a questão do sujeito e socioconstrução da linguagem, a partir de sua dimensão histórico-cultural, uma vez que ele constitui essa cultura e é, ao mesmo tempo, constituído por ela. A partir de processos de maturação e desenvolvimento que estão para além da dimensão biológica e orgânica, insere-se no campo da interação social, sendo nesta dimensão onde se constituem as relações de subjetividade e de interação, as quais possibilitam pensar a construção do sujeito por meio da linguagem e da organização discursiva das relações com o outro no mundo.

Partindo, portanto, da dialética, Vigotski e Bakhtin construíram uma visão totalizante, não-fragmentada da realidade, uma perspectiva que, enraizada na história, compreende o homem como um conjunto de relações sociais. [...] Contrários às dicotomias presentes nas concepções de linguagem e de psicologia de seu tempo por oscilarem entre os pólos subjetivo e o objetivo, arquitetaram suas teorias num entrelaçamento de sujeito e objeto, propondo uma síntese dialética imersa na cultura e na história. (FREITAS, 2005, p. 300)

Em leitura similar, Cardoso (2000, p. 33-35) também entrecruza os subsídios vygotksyanos e bakhtinianos, quando propõe seis grandes pilares, fundamentais para a elucidação dos propósitos deste estudo, que se debruça sobre a noção socioconstrução do sujeito a partir de suas interações com e por meio da linguagem nas práticas sociais. Veja-se:

**O papel ativo do sujeito**, ou seja, a ênfase é colocada sobre o fato de que os sujeitos constroem ativamente saberes e habilidades [...]; **a relação entre a construção dos saberes e os fenômenos sócio-histórico-ideológicos**, ou seja, os sujeitos constroem seus conhecimentos, em contextos historicamente determinados, sobre a base de suas representações e de seus saberes anteriores [...]; **a relação Sujeito-Outro-Objeto**, no processo de construção do conhecimento pelo sujeito concreto (psicogênese), complementada pela dimensão das relações sociais (sociogênese), ou seja, os sujeitos constroem os saberes no quadro das interações sociais [...]; **a não linearidade na construção do conhecimento**, ou seja, os sujeitos constroem seus saberes num jogo constante de conflitos, de desestruturações-reestruturações de seus quadros de conhecimentos [...]; como consequência dos aspectos anteriores, **releva-se o papel da linguagem e do outro em um novo estatuto, como constitutivos do sujeito e da produção de sentido** (e não como simples veículo de comunicação-linguagem e espectador-outro); ainda como consequência, aparece **o papel do erro** em um novo estatuto, como marca da atividade do sujeito (e não como ausência de atividade, faltas ou deficiências) e abertura a intervenções didáticas específicas [...] (e não como forma de sanções a aplicar ao aluno) (Grifos meus).

Seguindo essa mesma linha de raciocínio, Bronckart (2012), seguidor de Vygotsky, ao tratar dos processos de organização do discurso, nos quais se considera o sujeito como partícipe do ato de linguagem, remete ao interacionismo sociodiscursivo (ISD), o qual sugere que as relações de cooperação entre os indivíduos na atividade de linguagem se dão de forma regulada e mediada pelas interações sociais e, principalmente, verbais, e pelas atividades que Habermas (1987 *apud* BRONCKART, 2012) associou ao “agir comunicativo”. Esse “agir comunicativo” constitui “a atividade de linguagem em funcionamento nos grupos humanos” (2012, p. 30). É desenvolvido por meio de um engajamento do sujeito nas formas do discurso e nas práticas sociais, orientado por “um modo de confrontação entre os elementos do mundo vivido que direcionam, primariamente, esse engajamento e os sistemas de conhecimentos formais, a partir dos quais se desenvolvem as avaliações sociais (as contestações e as justificativas) desse agir” (BRONCKART, 2008, p. 28). Para o autor “seria na cooperação ativa que se estabilizariam as relações designativas, como *formas comuns* de correspondência entre representações sonoras e representações sobre quaisquer aspectos do meio, isto é, como signos, na acepção saussureana [...]” (BRONCKART, 2012, p. 33) (grifos do autor).

Desse modo, ao propor uma discussão que envolve o sujeito com e na linguagem, Bronckart (2012), aproximando-se das leituras de Bakhtin e Vygotsky, principalmente; defende sua concepção dentro dos estudos da linguagem considerando que sua

[...] posição epistemológica é interacionista, no sentido de que rejeita qualquer determinismo exclusivo das capacidades próprias do agente (tese que – de *facto* – é defendida pela posição cognitivista), ao mesmo tempo que recusa qualquer determinismo exclusivo dos pré-construtos sociodiscursivos [*langagières*] (tese que aflora principalmente em alguns textos de Bakhtin). (BRONCKART, 2012, p. 338) (Grifos do autor)

Nossa própria abordagem, que classificamos de interacionismo sociodiscursivo [...], inscreve-se no esquema vygotskyano evocado anteriormente, integrando, porém, ao esquema, ao mesmo tempo, de maneira mais determinada e técnica, o papel e as propriedades da atividade da linguagem. (BRONCKART, 2006, p. 104)

Assim, Bronckart (2006/2012), em sua abordagem, dá continuidade aos princípios vygotskyanos, porém amplia a discussão, na medida em que concebe a linguagem como um instrumento fundador dos processos biológicos superiores, como a percepção, a cognição, as emoções e os sentimentos, uma vez que considera a linguagem, as

condutas ativas e o pensamento consciente, como parte da gênese da constituição da consciência humana. Por isso, as práticas de linguagem estão no centro da organização do desenvolvimento humano.

A projeção teórica apresentada pelo autor evidencia os necessários diálogos acerca do fenômeno da linguagem em sua dimensão mais ampla; e principalmente, em espaços localizados de interação discursiva. Essa questão é tratada por Bakhtin (2009 [1929], p. 126), quando diz que a enunciação é fruto da interação social, “quer se trate de um ato de fala determinado pela situação imediata ou pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições de vida de uma determinada comunidade linguística”.

Dessa relação entre o contexto social e a enunciação individual, constitui-se a dimensão das práticas sociais nas quais os sujeitos estão envolvidos e os mecanismos de emprego da linguagem em suas formas específicas de ‘dizer’, por meio de diálogos responsivos, que evidenciam a marcas desse sujeito no discurso, e também a significação da língua posta em ação, através das realizações argumentativas específicas do ato enunciativo.

Esse caráter interacionista, designativo e estratégico da linguagem permite que, ao enunciarem, os sujeitos organizem formas específicas de dizer, de acordo com as funções específicas de cada esfera da comunicação. Essas formas – “os gêneros, como *formas comunicativas*” (BRONCKART, 2012, p. 15) se tornam semanticamente significativos à medida que as possibilidades de uso da língua são extrapoladas, reinventadas e transformadas no ato de linguagem, pois

A atividade de linguagem é, ao mesmo tempo, o lugar e o meio das interações sociais constitutivas de qualquer conhecimento humano; é nessa prática que se elaboram os mundos discursivos que organizam e semiotizam as representações sociais do mundo; é na intertextualidade resultante dessa prática que se conservam e se reproduzem os conhecimentos coletivos e é na confrontação com essa intertextualidade sócio-histórica que se elaboram, por apropriação e interiorização, as representações de que dispõe todo agente humano, representações *in fine* individuais, no sentido de que se organizam em função das características específicas do percurso experiencial de cada agente, erigindo-o, desse modo, em uma pessoa irreduzivelmente singular. (BRONCKART, 2012, p. 338-339) (Grifos do autor)

Desse modo, a socioconstrução da linguagem é, ao mesmo tempo, um processo no qual o sujeito envereda por caminhos de descoberta de si mesmo, dispondo para isso do outro; mas não como um espelho no

qual buscará uma ‘imagem e semelhança’<sup>1</sup>), mas reconhece no outro um parceiro possível de equilíbrio na ação enunciativa, por meio da alteridade que possibilita o ecoar de múltiplas vozes no discurso; e com isso, elabora enunciados repletos de intenções e de encadeamentos ideológicos na cadeia discursiva.

Sobre essa intrincada relação entre o ‘eu’ e o ‘outro’, Bakhtin (2011 [1979], p. 342) menciona que “eu não posso passar sem o outro, não posso me tornar eu mesmo sem o outro; eu devo encontrar a mim mesmo no outro; encontrar o outro em mim (no reflexo recíproco, na percepção recíproca)”. Porém, esse ‘reflexo’, como aludido anteriormente, não é o buscar-se assemelhar-se esteticamente com alguém ou construir uma aparência possível, mas construir, por meio do diálogo, relações de equilíbrio, de autoconhecimento e conhecimento compartilhado e o aprender a conviver, por meio do envolvimento em práticas de linguagem, que tornem esse homem, o sujeito de sua própria ação no mundo. Nesse processo, o diálogo é fundamental, constituindo o centro das interações humanas, de tal modo, que Bakhtin (2013 [1929], p. 292) o considera “não como meio, mas como fim”, de modo que “não é o limiar da ação, mas a própria ação”; e por conta disso, “o homem não apenas se revela exteriormente como se torna, pela primeira vez, aquilo que é, [...] não só para os outros, mas também para si mesmo”. Assim, sua ação no mundo é eminentemente marcada pelo diálogo; e nesta medida, “ser significa comunicar-se pelo diálogo. Quando termina o diálogo, tudo termina. Daí o diálogo, em essência, não poder nem dever terminar” (p. 293).

A interação se realiza, portanto, pelo diálogo, como edificação da língua, que, pelo uso da fala, possibilita ao homem ‘ser’ sujeito no mundo, através da realização de ações com a linguagem. Nessa dimensão, o homem é o construtor de si mesmo, um agente de autotransformação, capaz de organizar seu espaço social no mundo por meio da apreensão de sentidos, pela qual constrói sua identidade de sujeito de ação, e, por meio da interação, de maneira a individualizar-se sociodiscursivamente, através das possibilidades de dinamismo e mudança de *status* social, possibilitadas pela ação dialógica com a linguagem.

1 O termo faz uma intertextualidade com uma passagem bíblica, sobre a origem do mundo, da humanidade e a criação que diz: “Deus disse: “Façamos o homem à nossa imagem, como nossa semelhança. Que ele domine os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos, todas as feras e todos os répteis que rastejam sobre a terra” (GÊNESIS 1,26).

Referência: BIBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Edição Pastoral. Tradução de Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulus, 1990. 1584 pág.

## Considerações Finais

A discussão sobre sujeito e linguagem proposta por Bakhtin (2009 [1929]) correlacionadas ao sociointeracionismo ou interacionismo social de Vygotsky, (2008 [1934]), aprofundado por Bronckart (2008/2012) ao ampliar a discussão, tratando do interacionismo sociodiscursivo (ISD), permite um entendimento da linguagem como meio de entrelaçar e de construir sentidos entre o mundo e o homem. Ainda, permite entender que, ao apropriar-se da língua de forma individual (locutor) e agir discursivamente com a ela, o sujeito opera mecanismos cognitivos de escolhas e propósitos comunicativos, os quais atualizam o sistema linguístico, nas diversas práticas de linguagem em que interage.

Bakhtin e Vygotsky operam, portanto, com uma concepção sociointeracionista de linguagem, na qual há marcada a presença da interação, da mediação simbólica entre o 'eu' e 'outro', do diálogo como mecanismos de construção do sujeito, fundada, principalmente, na interação verbal e no reconhecimento do outro no discurso, tendo um 'eu' e o 'tu' que se reconhecem na enunciação, a partir do jogo de palavras que são postas em ação no ato enunciativo.

## Referências

- BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHINOV, Valentin Nikolaevich). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009. [1929].
- \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. Tradução Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. [1979].
- \_\_\_\_\_. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013. [1929].
- BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo**. 2. ed. São Paulo: EDUC, 2012.
- \_\_\_\_\_. **O agir nos discursos: das concepções teóricas às concepções dos trabalhadores**. Campinas: Mercado de Letras, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano**. Organização e tradução Anna Rachel Machado e Maria de Lourdes Meirelles Matencio. Campinas: Mercado de Letras, 2006.
- CARDOSO, Cancionila Janzkovski. **A socioconstrução do texto escrito: uma perspectiva longitudinal**. 2000. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.
- FIORIN, José Luiz de. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. Nos textos de Bakhtin e Vigotski: um encontro possível. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. 2. ed. Campinas: UNICAMP, 2005. p. 295-314.

ROJO, Roxane. **Falando ao pé da letra**: a constituição da narrativa e do letramento. São Paulo: Parábola, 2010.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. [1934]

\_\_\_\_\_. **Pensamento e Linguagem**. Tradução Jefferson Luiz Camargo. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008. [1934]

Recebido em: 24 de jul. de 2016.

Aceito em: 28 de dez. de 2016.